

# Boas notícias de quem escapou da extinção

Fernanda Cornils Benevides\*

\* *Doutoranda, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília. E-mail: cornils.fernanda@hotmail.com*

Recebido em 22.12.2014  
Aceito em 20.01.2015

RESENHA

***Gabriela Cabral Rezende. Mico-leão-preto: a história de sucesso na conservação de uma espécie ameaçada. São Paulo: Matrix, 2014. 176 p. ISBN: 978-85-8230-109-8.***

O mico-leão preto (*Leontopithecus chrysopygus*) é uma das espécies de primatas mais raras e ameaçadas do mundo. Atualmente a espécie é restrita a algumas manchas de Mata Atlântica remanescentes no oeste do estado de São Paulo. Ela foi considerada extinta durante 65 anos, até ser “redescoberta” em 1970 por Ademar Coimbra Filho, um dos pioneiros da primatologia no Brasil. A partir da redescoberta, uma série contínua de estratégias e esforços específicos, resultou na mudança do status do animal: da categoria de “criticamente ameaçado” na Lista Vermelha de Animais de Extinção da IUCN passou para a de “ameaçado”. Entre as consequências positivas desses esforços, ocorreu a criação do Instituto de Pesquisas Ecológicas, o IPÊ. Em 2014, o programa de conservação do mico-leão-preto completou 30 anos de atividades contínuas.

Essa é a história narrada, com detalhes, por Gabriela Cabral Rezende no livro supra citado. Rezende é brasileira, trabalhou em programas de conservação de tartarugas marinhas e pinguins no Brasil, Costa Rica e Argentina. É bióloga, especialista em manejo de espécies ameaçadas e mestre em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável pela Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade do IPÊ, instituição na qual atualmente coordena o programa de conservação do mico-leão-preto. O livro em questão é uma adaptação de sua dissertação de mestrado, intitulada Sucesso em Programas de Conservação de Espécies da Fauna Ameaçada: A história do Programa de Conservação do Mico-Leão-Preto, defendida em 2013. Ela foi orientada por Claudio Benedito Valladares-Pádua, fundador do IPÊ junto com a sua esposa Suzana Pádua, que assina o prefácio do livro.

Depois de ler o livro, é possível afirmar que o mico-leão-preto é um verdadeiro sobrevivente. Esse pequeno primata, que pesa entre 400 e 700 gramas e mede até 40 centímetros, teve e tem a sua sobrevivência garantida por uma série de estratégias bem geridas. Houve, por exemplo, muitas pesquisas aplicadas. No entanto, a autora dá mais destaque ao envolvimento de pessoas

comprometidas, engajadas e atuantes nas mais diversas áreas; elas tomaram a conservação do primata como objetivo de suas vidas. Essa é a principal mensagem deixada pelo livro.

A outra mensagem diz respeito ao legado deixado pela história de salvação do mico-leão-preto da extinção: se foi possível salvar esse primata, que chegou a ter uma população de cerca de apenas 100 espécimes na década de 1980, é possível replicar as experiências, de forma adaptada, a outras espécies ameaçadas. Entre os primatas que dividem o habitat com o mico-leão-preto, por exemplo, e que estão em situação crítica, encontram-se o bugio-ruivo (*Alouatta guariba guariba*) - que integra a lista dos 25 primatas mais ameaçados do mundo, publicada bianualmente pelo Grupo Especialista em Primatas da IUCN - e o muriqui-do-norte (*Brachyteles hypoxanthus*).

Rezende apoia as suas argumentações e conclusões em uma pesquisa ampla feita em aproximadamente 130 referências de diversas áreas de conhecimento. Os títulos citados vão desde estudos técnicos e cálculos complexos comuns nos estudos populacionais (como a determinação de MVPs, minimum viable populations, ou populações mínimas viáveis), passam por clássicos da biologia da conservação e chegam às suas cadernetas de trabalho de campo. Ela consultou também artigos em jornais e trabalhos de educação ambiental.

Porém, o que dá um diferencial de qualidade ao trabalho de Rezende são as entrevistas coletadas, muito bem incluídas no texto. Foram cerca de 20 entrevistas com personagens centrais da conservação no Brasil e no exterior. Entre elas, Coimbra-Filho, Alcides Pissinatti e Anthony Brome Rylands. Ao privilegiar as entrevistas, a autora revela que grande parte dos que trabalharam e contribuíram para o programa focalizado estão vivos e atuantes, fato que permitiu um acesso privilegiado às versões dadas por quem construiu essa história de sucesso, entre eles a própria autora.

O livro é dividido em três grandes capítulos, todos intitulados na forma de perguntas, devidamente respondidas ao longo do texto. No primeiro capítulo, “Como salvar as espécies ameaçadas?”, Rezende inicia destacando a importância do levantamento histórico da área de ocorrência original do mico-leão-preto para a definição de estratégias de conservação. A autora trata também da íntima relação entre redução de habitat e declínio da população dos micos, tese famosa defendida por cientistas de renome como E. O. Wilson e Robert MacArthur.

No mesmo capítulo, Rezende traz à tona a importância de uma estratégia denominada de “espécie bandeira”. O programa que adota essa abordagem elege um animal, geralmente um mamífero carismático, como os micos, para chamar a atenção da situação ecológica do animal e do seu habitat. Assim, ao se proteger essa espécie, protege-se também o seu ambiente natural e todos os outros seres vivos que habitam a mesma área.

Nesse ponto há uma tensão no texto. A abordagem da espécie bandeira, aparentemente apoiada pela autora, é apontada por alguns especialistas como artifício ultrapassado, como fica claro no prefácio do livro escrito por Suzana Pádua:

É importante lembrar que as pesquisas com espécies ameaçadas foram vanguarda dos projetos conservacionistas nos primórdios da história moderna da conservação da natureza, nos anos 1970 e 1980. Com o passar do tempo, muitas das prioridades elencadas nesse período foram perdendo espaço para rumos compatíveis com as necessidades humanas, principalmente aquelas ligadas ao mundo econômico. (p. 12).

Rezende aposta nessa abordagem como uma forma eficiente para sensibilizar diferentes públicos para a conservação. Assim, considera que os micos, figuras ilustres, “cumprem um importante papel na conservação. Eles assumiram o papel de embaixadores da conservação da Mata Atlântica ao se tornarem espécies-bandeira de programas de conservação.” (p. 48)

No segundo capítulo, “Quais as principais estratégias utilizadas por um programam de conservação?”, Rezende apresenta um extenso universo de termos e estratégias da biologia da conservação. Apesar de esses termos técnicos não serem prontamente acessíveis a leigos, Rezende explica passo a passo as metodologias e as suas implicações. Censo e demografia, análises genéticas, ecologia e comportamento, manejo in situ e ex situ, metapopulações, comitês e envolvimento comunitário para conservação, comitês de pesquisa e restauração de habitats - esses e outros conceitos fazem parte deste que é o mais longo capítulo do livro.

Por mais que a autora se esforce para clarear as implicações e as especificidades das estratégias citadas nesse capítulo, às vezes o texto fica mais parecido com o de sua dissertação de mestrado do que com o de um livro. Tanto pelo linguajar técnico como pelo texto frequentemente interrompido por citações parentéticas, a leitura do segundo capítulo, embora apresente informações detalhadas sobre técnicas complexas da conservação dos micos, torna-se um tanto monótona.

No terceiro e último capítulo, porém, o texto volta a ser de leitura agradável. Em “O que pode levar um programa de conservação ao sucesso?”, termos técnicos, assim como avaliações de viabilidade e discussões de seminários de Análise de Viabilidade Populacional e Habitat - PHVA, são retomados de forma mais clara e direta. A leitura ganha novo fôlego. Isso é ajudado pelas “boas notícias” vindas do trabalho de campo, que registram o crescimento populacional dos primatas estudados.

No epílogo, “O programa de conservação do mico-leão-preto atingiu o sucesso?”, Rezende relaciona a produção e o acúmulo de conhecimento a respeito dos primatas com as mudanças na abordagem e com as ações de conservação tratadas nos capítulos anteriores. A autora é enfática ao afirmar que o sucesso do programa deriva da importância da aplicação do conhecimento científico da biologia da conservação ao manejo da espécie e da atuação de pessoas qualificadas e altamente comprometidas com o programa.

O texto é indicado para os estudantes e pesquisadores de biologia da conservação, mas também para o público interessado em conservação de espécies, na história da conservação, e na relação sociedade e natureza. Rezende, ao contar a história da salvação do mico-leão-preto, revela que (i) existe possibilidade de se viver em um mundo onde as diversas formas de vida possam coexistir e (ii) que a permanência de vida nesse mundo depende em boa parte de ações humanas, enquanto ainda houver tempo. Se foi possível salvar o mico-leão-preto da extinção, uma espécie naturalmente rara e que foi inclusive considerada extinta, é possível, sem dúvidas, salvar outras espécies ameaçadas.